DA TRADUÇÃO PESSOAL À ANÁLISE LITERÁRIA: EXERCÍCIO DE ANÁLISE DE GÊNERO, FORMA E RETÓRICA NO SALMO 122

Natan Sales de Cerqueira[1]

RESUMO

Estudo de caso baseado no Salmo 122 onde se mostra o esforço necessário, embora não exaustivo, realizar uma análise literária de um texto bíblico, seja para fins de proclamação de um pregador, seja para fins de produção de uma exegese acadêmica. O modelo seguido é o do ensinado no Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas, SP. O esforço consiste primeiramente em análise de gênero do texto, o que fornece os subsídios para identificar o fluxo que dá forma ao salmo. Após isso, segue-se uma análise da forma, com subsequente estruturação em tabela. Disso, passa-se à análise retórica, com análise da linha, métrica, paralelismo, rima, palavras-chave e figuras de linguagem. Uma conclusão arremata o capítulo com um exemplo de o que é possível extrair do texto após a análise literária.

Palavras-chave: Bíblia hebraica, exegese do salmos, poesia hebraica, análise retórica

---

[1] Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, vocação tardia, bacharel em teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul (2021-24), especializando em língua hebraica pela *University of the Free State* (2025). Em vida pregressa, profissional de finanças corporativas, MBA pela FGV IDE (2015-17) e bacharel em Administração de Empresas pela FGV-EAESP (2008-12).

1. Introdução

Em artigo anterior nesta mesma revista (CERQUEIRA, 2024), foi realizado um estudo de caso no Salmo 122 sobre como produzir uma tradução pessoal do texto bíblico, seja para fins de proclamação religiosa, seja para exercício exegético-acadêmico. Apesar de a tradução pessoal ser em si o fruto já de um trabalho interpretativo da análise textual (CERQUEIRA, 2024, p. 49-59) e da análise gramático-sintática (CERQUEIRA, 2024, p. 59-73), enriquece a interpretação saber não apena *o que se diz,* mas também *como se diz*. É aí que entra a análise literária, engloba a análise do gênero, da forma e da retórica. Desse modo, continuando no Salmo 122 como estudo de caso, segue-se agora uma proposta enxuta e não exaustiva de análise literária a fim de lançar luz em sua interpretação.

2. Análise Literária

a. Análise de gênero

O próprio título escribal do Salmo 122 o caracteriza como salmo de peregrinação, no que é seguido por comentaristas de diferentes escolas (e.g., HARMAN, 2011, p. 426; SILVA, 2022, p. 308). No entanto, ele não é apenas um salmo de peregrinação. Schökel e Carniti apontam (1998, p. 1465), por exemplo, que o salmo tem como objetivo ser um cântico à cidade de Jerusalém, tendo parentescos com os salmos 46, 48 e 87, configurando um discurso elogioso e uma petição pela cidade. Inclusive, a esses

salmos paralelos o próprio Silva (2022) acrescenta o Sl 76, numa classificação que ele chama de "Hinos a Sião", um estilo que vem como "decorrência do senhorio de YHWH sobre o cosmo e a história" (SILVA, 2022, p. 305).

O mero fato de ser um "hino" também já aponta para seu teor mais positivo, pois, segundo explica Futato (2011, p. 127), os hinos eram compostos para momentos em que a vida estava "livre de problemas", momentos em que nossas vidas estavam "bem ordenadas e bem orientadas". É o que vemos neste texto, sendo até mesmo motivo de contraste com o salmo precedente (Salmo 121) e o sucedente (Salmo 123), ambos os quais de elevação dos olhos em busca de auxílio.

Essa convergência de estilos no Salmo 122 – de peregrinação e de Sião – é representativo do amor do peregrino pelos preceitos de Deus, que instituiu a ida à morada de Deus (tabernáculo e, posteriormente, o templo) durante as três grandes festas (Dt 16:1-17), e pela cidade santa, onde essa morada então se encontrava. Isso é o que sugere Artur Weiser, que defende ser este salmo um cântico de peregrinação entoado pelos peregrinos no momento de se despedir e deixar a cidade de Jerusalém (WEISER, 1994, p. 584). Para outros comentaristas, contudo, como é o caso de Alexander F. Kirkpatrick, os verbos no passado dos v. 1-2 eram mais naturalmente interpretados como a rememoração do peregrino após já ter voltado para casa (KIRKPATRICK, 1951, p. 739). Para essas duas linhas de pensamento, portanto, o salmo era cantado após a estadia do

peregrino em Jerusalém já ter terminado, seja no início do retorno para casa, seja já de volta em casa.

No entanto, essas duas alternativas são insuficientes para fazer jus à totalidade do salmo. Isso porque, embora essas duas visões coadunem bem com a última estrofe do salmo (v. 6-9), os primeiros versículos são claramente uma referência à chegada dos peregrinos a Jerusalém, não à despedida nem a uma rememoração. Essa ideia referente à chegada é defendida por Kidner (1992, p. 444-445), que sustenta ser o salmo cantado tanto à chegada quanto à saída de Jerusalém. A estrutura fica, então, harmonizada com o fluxo do salmo, que se inicia abordando a alegria da chegada dos peregrinos a cidade (v. 1-2). Depois, desenvolve os laços de união do povo de Deus (v. 3-5) na festividade realizada pelos peregrinos em Jerusalém. Finalmente, uma visão e desejo de paz (v. 6-9), como se o peregrino estive rogando pela paz da cidade e pela dos demais que a amam.

Logo, o salmo seria *também* um cântico para se despedir de Jerusalém, mas não somente isso. Algo semelhante é proposto por Motyer (2009, p. 41-42), que vê o fluxo do salmo como a alegria do peregrino (a chegada, v. 1-2), o privilégio do peregrino (a estadia, v. 3-5) e a oração do peregrino (a despedida, v. 6-9). Também outros exegetas já referenciados convergem a essa posição (HARMAN, 2011, p 426-427; SILVA, 2022, p. 308).

Assim, a análise do gênero literário – tanto *salmo de peregrinação* quanto *hino de Sião* – permite enxergar o fluxo do

salmo e dar contornos a uma forma que se lhe seja harmônico ou seja, um salmo de peregrinação que também é um hino a Sião, destinado para refletir a experiência completa dos peregrinos em Jerusalém: chegada, estadia e partida. O próximo passo da análise literária é investigar essa forma.

b. ANÁLISE DA FORMA

À luz do que foi exposto na seção anterior, opta-se pela divisão tripartite do Salmo 122, uma em que os v. 1-2 formam o primeiro bloco, os v. 3-5 formam o segundo e, finalmente, os v. 6-9 formam o terceiro e último bloco. Inclusive, essa compreensão já se encontrava refletida de modo intuitivo na tradução pessoal (CERQUEIRA, 2024, p. 74) que antecedeu o presente esforço, mas agora se chega a embasamento concreto para tal. Para melhor visualização do resultado da análise da forma decorrente da análise de gênero, é útil esquematizar os achados. Aqui, opta-se por fazê-lo em forma de tabela, portanto, para que esteja claro antes de se passar à seção seguinte (análise retórica).

Eis, portanto, a divisão esquematizada na Tabela 1 – Estrutura formal do Salmo 122, cujo texto é o da tradução pessoal referenciada.

Tabela 1 - Estrutura formal do Salmo 122

Forma	Versículo(s)	Texto
Título escribal	1a	[1] Cântico dos degraus. De Davi.
Alegre chegada	1b-2	Alegrei-me com os que me disseram: "Vamos à casa de Javé!" [2] Pararam os nossos pés junto às tuas portas, ó Jerusalém!
Alegre estadia	3-5	[3] Jerusalém, construída como cidade compacta, [4] para onde sobem as tribos, as tribos de Javé, como testemunho para Israel, para renderem graças ao nome de Javé, [5] pois lá se assentam os tronos para a justiça, tronos da casa de Davi.
Alegre despedida	6-9	[6] Orai pela paz de Jerusalém! Sejam prósperos os que te amam. [7] Haja paz dentro de teus muros e prosperidade nos teus palácios. [8] Por amor de meus irmãos e amigos, eu direi: “haja paz em ti!”. [9] Por amor da casa de Javé, nosso Deus, eu buscarei o teu bem.

c. ANÁLISE RETÓRICA

Uma rápida leitura do Salmo 122 em português é suficiente para mostrar que "paz" lhe é um tema central. Se ele for lido e analisado no hebraico (CERQUEIRA, 2024, p. 72), ficará patente que o seu peso repousa precisamente sobre **שלום**/*šālôm*. Isso pode ser visto nos vários trocadilhos que ocorrem com essa palavra neste salmo, numa figura de linguagem chamada de aliteração. Isso será visto ainda nesta seção, no subtópico v, "palavras-chave". Antes, contudo, partindo da estrutura identificada do Salmo 122, veja-se como sua retórica funciona.

i. LINHA

A linha poética na poesia hebraica é chamada de "estíquio" ou de "cólon". O termo estíquio (στίχος) vem do grego clássico e significa "linha" ou "fileira", normalmente, de soldados. Já o termo cólon (κῶλον; no plural, cola/κῶλα), significa um membro do corpo, uma parte do corpo (DOBBS-ALLSOPP, 2015, p. 22-23). Tão fundamental é essa linha poética que Futato (2011, p. 17) diz ser ela a base da poesia antiga em geral e da poética hebraica bíblica em particular. Dobbs-Allsopp escreve um capítulo de cerca de 80 páginas (2015, p. 14-94) demonstrando a supremacia da linha poética. Por isso a análise começa com a linha poética. Afinal não há como apreciar plenamente suas subdivisões e outras facetas

(como o paralelismo) se não for esse o ponto de partida.[2] Algo que deve ser constantemente lembrado é que os poetas bíblicos não buscavam escrever apenas algo edificante, mas também "algo bonito, agradável e apetitoso aos ouvidos" (SILVA, 2022, p. 463).

A tabela a seguir, portanto, apresenta a sugestão do autor deste artigo da disposição das linhas do Salmo 122.

Um último comentário aqui acerca de linhas poéticas é que elas dizem respeito à declamação, à recitação, por isso, os sinais distintivos do TM são de grande valia (SILVA, 2022, p. 465, n; 5). Isso importa porque, na estrutura sintática do texto, poderá ser visto que a linha poética 5b está sintaticamente ligada à linha poética 4a (o que foi argumentado no final da seção do v. 4 em CERQUEIRA, 2024, p. 67), mas, aqui, ela forma um bicola com a linha 5a. Isso é porque a declamação segue a ordem do texto lido, obviamente, portanto, o estíquio é formado entre elas duas. Antecipando a confusão de seus alunos, Kerr explica que todo esse arranjo é "mais musical do que lógico" (1948, § 181). Essa "lineação" ou "esticometria" (Silva, 2022, p. 467) é a base da análise da métrica, que é a próxima sessão.

[2] Contraste-se a poética antiga com a poesia renascentista em diante: a base d'Os Lusíadas, dos sonetos italianos (petrarquianos) e dos sonetos ingleses, com sua base em estrofe e rima, não em estíquios e paralelismos.

Tabela 2 - Disposição das linhas poéticas

Nº Linha	Hebraico (TM)	Português (Trad. própria)			
1a	שָׂמַחְתִּי בְּאֹמְרִים לִֽי	Alegrei-me com os que me disseram:	cólon	bicola	estrofe
1b	בֵּית יְהוָה נֵלֵֽךְ׃	"Vamos à casa de Javé!"	cólon		
2a	עֹמְדוֹת הָיוּ רַגְלֵינוּ	Pararam os nossos pés	cólon	bicola	
2b	בִּשְׁעָרַיִךְ יְרוּשָׁלִָֽם׃	junto às tuas portas, ó Jerusalém!	cólon		
3a	יְרוּשָׁלִַם הַבְּנוּיָה	Jerusalém, construída	cólon	bicola	estrofe
3b	כְּעִיר שֶׁחֻבְּרָה־לָּהּ יַחְדָּֽו׃	como cidade compacta,	cólon		
4a	שֶׁשָּׁם עָלוּ שְׁבָטִים	para onde sobem as tribos,	cólon	bicola	
4b	שִׁבְטֵי־יָהּ	as tribos de Javé,	cólon		
5a	עֵדוּת לְיִשְׂרָאֵל	como testemunho para Israel,	cólon	bicola	
5b	לְהֹדוֹת לְשֵׁם יְהוָֽה׃	para renderem graças ao nome de Javé,	cólon		
6a	כִּי שָׁמָּה יָשְׁבוּ כִסְאוֹת לְמִשְׁפָּט	pois lá se assentam os tronos para a justiça,	cólon	bicola	
6b	כִּסְאוֹת לְבֵית דָּוִֽיד׃	tronos da casa de Davi.	cólon		
7a	שַׁאֲלוּ שְׁלוֹם יְרוּשָׁלִָם	Orai pela paz de Jerusalém!	cólon	bicola	estrofe
7b	יִשְׁלָיוּ אֹהֲבָֽיִךְ׃	Sejam prósperos os que te amam.	cólon		
8a	יְהִי־שָׁלוֹם בְּחֵילֵךְ	Haja paz dentro de teus muros	cólon	bicola	
8b	שַׁלְוָה בְּאַרְמְנוֹתָֽיִךְ׃	e prosperidade nos teus palácios.	cólon		
9a	לְמַעַן אַחַי וְרֵעָי	Por amor de meus irmãos e amigos,	cólon	bicola	
9b	אֲדַבְּרָה־נָּא שָׁלוֹם בָּֽךְ׃	eu direi: “haja paz em ti!”	cólon		
10a	לְמַעַן בֵּית־יְהוָה אֱלֹהֵינוּ	Por amor da casa de Javé, nosso Deus,	cólon	bicola	
10b	אֲבַקְשָׁה טוֹב לָֽךְ׃	eu buscarei o teu bem.	cólon		

ii. MÉTRICA

Como já dito, a linha poética preza pela declamação do texto, não exatamente por sua concatenação sintática, o que dá espaço a inversões de demais recursos estilísticos. Isso, aliás, não apenas no hebraico, mas também em nossa língua pátria. Nos dizeres de António Feliciano de Castilho (1874, p. 10), pioneiro na teorização da escansão silábica em língua portuguesa:

> O grammatico (sic) não cura do que parece aos ouvidos, mas só do que é precisamente. O versificador não se embaraça com o que precisamente é, mas só com os que aos ouvidos se figura.

Como, portanto, contar o que aos ouvidos se figura, ou seja, como identificar a métrica da poesia hebraica? Dobbs-Allsopp (2015, P. 15) sugere nem iniciar tal esforço, pois diz ele não haver métrica alguma no hebraico bíblico. Já Kerr (1948, §§ 179-183) sugere dar atenção aos acentos. No entanto, ciente da grande diversidade deles, o hebraísta de Campinas remete seu leitor à gramática de Gesenius, ampliada por Kautzsch (1910, § 2.r), onde, após serem sugeridas várias obras sobre métrica da poética hebraica, a situação é assim sintetizada:

> A poesia hebraica, distintamente da quantitativa clássica e da árabe, e do verso silábico siríaco, é **acentual.** [...] As seções conectadas não mantêm sempre a mesma métrica em seu decorrer, exibindo, antes,

> uma mescla de métricas. (ênfase no próprio original)

Portanto, o conceito métrico em cada estíquio é o de número de acentos, ou seja, quantas sílabas tônicas há em cada linha poética (BALLARINI, T et al., 1985, p. 30). Considera-se aqui também que cadeias construtas, sejam ou não com a presença do *maqqêph* (LAMBDIN, 2003, §§ 72-73) constituem uma unidade com apenas um acento (sílaba tônica). Isso leva o resultado do presente esforço a diferir da contagem métrica presente na obra de referência que é o *World Biblical Commentary* (1983), pois esta divide a linha 3 de modo diferente ao TM, transferindo **כְּעִיר**/*kᵊʿîr* da oração 3b para a 3a, ou seja, para o WBC (ALLEN, 1983, p. 155), a linha não é "Jerusalém, construída", mas "Jerusalém, construída *como cidade* (**כְּעִיר**/*kᵊʿîr*)".

No entanto, apesar da divergência metodológica, a divisão de estrofes permanece igual e o clímax rítmico continua na linha 6, que o WBC divide em três (com métrica 2 + 2 +3), ao passo que aqui se optou por seguir o TM, voltando precisamente para a cantilena, em dividir a linha em duas e com métrica 5 + 2. Ou seja, as divergências metodológicas no detalhe não alteraram no que resulta a identificação da estrutura métrica.

Tendo isso em vista, a metrificação proposta pode ser vista esquematizada a seguir na Tabela 3 – Métrica:

Tabela 3 – Métrica

Nº Linha	Hebraico (TM)	Métrica (nº acentos)	
1a	שָׂמַחְתִּי בְּאֹמְרִים לִי	3	Estrofe
1b	בֵּית יְהוָה נֵלֵךְ׃	2	
2a	עֹמְדוֹת הָיוּ רַגְלֵינוּ	3	
2b	בִּשְׁעָרַיִךְ יְרוּשָׁלִָם׃	2	
3a	יְרוּשָׁלִַם הַבְּנוּיָה	2	Estrofe
3b	כְּעִיר שֶׁחֻבְּרָה־לָּהּ יַחְדָּו׃	3	
4a	שֶׁשָּׁם עָלוּ שְׁבָטִים	3	
4b	שִׁבְטֵי־יָהּ	1	
5a	עֵדוּת לְיִשְׂרָאֵל	2	
5b	לְהֹדוֹת לְשֵׁם יְהוָה׃	2	
6a	כִּי שָׁמָּה יָשְׁבוּ כִסְאוֹת לְמִשְׁפָּט	5	
6b	כִּסְאוֹת לְבֵית דָּוִיד׃	2	
7a	שַׁאֲלוּ שְׁלוֹם יְרוּשָׁלִָם	3	Estrofe
7b	יִשְׁלָיוּ אֹהֲבָיִךְ׃	2	
8a	יְהִי־שָׁלוֹם בְּחֵילֵךְ	2	
8b	שַׁלְוָה בְּאַרְמְנוֹתָיִךְ׃	2	
9a	לְמַעַן אַחַי וְרֵעָי	3	
9b	אֲדַבְּרָה־נָּא שָׁלוֹם בָּךְ׃	3	
10a	לְמַעַן בֵּית־יְהוָה אֱלֹהֵינוּ	3	
10b	אֲבַקְשָׁה טוֹב לָךְ׃	3	

É interessante notar que as métricas da primeira e da última estrofe seguem a mesma cadência de declamação, mas que a métrica da segunda apresenta uma grande variação.

É perceptível que a primeira estrofe diminui de ritmo em seu final, como se a intenção fosse chamar atenção ao vocativo "ó Jerusalém", que dá o tom para a abertura da segunda estrofe, que também começa com "Jerusalém". A linha poética 4a é uma qualificação de Jerusalém, "que é para onde sobem as tribos". O bicola é fechado com uma mudança brusca de ritmo, pois 4b só tem um acento (é um único construto). Tematicamente, trata-se de um aposto às tribos da linha anterior (CERQUEIRA, 2024, p. 66-67).

O bicola seguinte começa ganhando tração, mas ainda mais lento do que o salmo vinha até então, contando com apenas duas sílabas. Note-se aqui que, se o estíquio 5a não tivesse a preposição לְ/*lāmeḏ* (como está no testemunho textual de Ḥirbet Qumran; cf. KELLIGER; RUDOLPH, 1997, p. 1209) ele seria inteiramente um construto, "testemunho de Israel", ou seja, contando com apenas um acento. No entanto, a presença da preposição לְ/*lāmeḏ* impede o estabelecimento de um construto, resultando em dois acentos. A linha seguinte se mantém com dois acentos e então, repentinamente, uma grande linha, numa espécie de explosão, como se fosse o clímax do Salmo 122: **os tronos *para* justiça** (novamente, há uma preposição לְ/*lāmeḏ*). A cadência diminui drasticamente, como se para deixar o clamor anterior ecoar e descansar no fechamento da segunda estrofe: os tronos da casa de Davi.

A terceira estrofe começa retomando o ritmo da primeira. A métrica aqui não varia muito, estando a força desta estrofe no jogo sonoro presente nos rogos por paz e a bênção. Assim, a dianteira

retórica é tomada pela aliteração (a ser abordada mais abaixo, em figuras de linguagem), que é como o Salmo 122 é encerrado.

iii. PARALELISMO

Feita a esticometria e identificada a métrica, o próximo passo lógico é a esquematização das relações de paralelismo, que é uma "figura de pensamento" (SILVA, 2022, p. 233) muito característica da poesia hebraica bíblica. Aqui, o foco será na visão tradicional do paralelismo semântico, não o de visão paradigmática e sintagmática de Adele Berlin (2008, p. 88-102). Uma aplicação da teoria de Berlin a este salmo é um esforço que demanda um artigo próprio, não apenas uma subseção. Por isso, a visão aqui tomada será a de Lowth, o "pai do paralelismo" (BERLIN, 2008, p. xv), conforme sintetizado por Silva (2022, p. 227).

Pois bem, no paralelismo nesses termos, o que é mais importante do que a métrica ou eventual rima é a relação entre as ideias apresentadas nos estíquios. Eles são classificados em sinonímico, o antitético e sintético. O paralelismo sinonímico expressa ideias equivalentes entre si, ao passo que o antitético (não presente no Salmo 122) é o que tem cada estíquio apresentando ideias antagônicas entre si. Finalmente, o paralelismo sintético é o que apresenta uma relação de causa e efeito entre os estíquios ou onde o segundo cólon dá maior precisão ao primeiro. Os paralelos

do Salmo 122 estão classificados a seguir. É empregada a numeração já apresentada nas tabelas anteriores.

Tabela 4 – Paralelismos

Nº Linha	Hebraico (TM)	Paralelismo	Motivo
1a	שָׂמַחְתִּי בְּאֹמְרִים לִי	Sintético	Relação de causa-efeito entre 1a e 1b.
1b	בֵּית יְהוָה נֵלֵךְ׃		
2a	עֹמְדוֹת הָיוּ רַגְלֵינוּ	Sintético	2b dá maior precisão a 2a.
2b	בִּשְׁעָרַיִךְ יְרוּשָׁלִָם׃		
3a	יְרוּשָׁלִַם הַבְּנוּיָה	Sintético	3b dá maior precisão a 3a.
3b	כְּעִיר שֶׁחֻבְּרָה־לָּהּ יַחְדָּו׃		
4a	שֶׁשָּׁם עָלוּ שְׁבָטִים	Sintético	4b dá maior precisão a 4a.
4b	שִׁבְטֵי־יָהּ		
5a	עֵדוּת לְיִשְׂרָאֵל	Sintético	5b dá maior precisão a 5a, que é apositiva a 4a.
5b	לְהֹדוֹת לְשֵׁם יְהוָה׃		
6a	כִּי שָׁמָּה יָשְׁבוּ כִסְאוֹת לְמִשְׁפָּט	Sintético	6b dá maior precisão a 6a.
6b	כִּסְאוֹת לְבֵית דָּוִיד׃		
7a	שַׁאֲלוּ שְׁלוֹם יְרוּשָׁלִָם	Sinonímico	7a e 7b expressam algo equivalente.
7b	יִשְׁלָיוּ אֹהֲבָיִךְ׃		
8a	יְהִי־שָׁלוֹם בְּחֵילֵךְ	Sinonímico	8a e 8b expressam algo equivalente.
8b	שַׁלְוָה בְּאַרְמְנוֹתָיִךְ׃		
9a	לְמַעַן אַחַי וְרֵעָי	Sintético	Relação de causa-efeito entre 9a e 9b.
9b	אֲדַבְּרָה־נָּא שָׁלוֹם בָּךְ׃		
10a	לְמַעַן בֵּית־יְהוָה אֱלֹהֵינוּ	Sintético	Relação de causa-efeito entre 9a e 9b.
10b	אֲבַקְשָׁה טוֹב לָךְ׃		

Observa-se que o salmo se inicia com um paralelismo sintético, onde causa e efeito são estabelecidos ("por que me alegro? Porque vamos à casa de Javé"). O meio do salmo, por sua vez, é recheado de paralelismos sintéticos onde uma frase vai dando maior precisão à outra até que se chega ao clímax observado na métrica: lá (em Jerusalém) se assentam os tronos para a aplicação da justiça.

Após isso, seguem-se dois paralelos sinônimos, que são, precisamente, a bênção de paz aos que amam Jerusalém. Finalmente, o salmo se encerra com outro paralelismo sintético de causa e efeito: "por que peço o que peço? Por amor a amigos, irmãos e casa de Javé").

iv. RIMA

Como dito na nota de rodapé 2, na sessão sobre a linha poética, a rima não é característica da poesia hebraica. No entanto, Schökel e Carniti (1998, p. 1470) notam que, na terceira estrofe, há cinco ocasiões de uma mesma rima: o substantivo possessivo na 2ª pessoa feminina singular (**ךָ**). As ocasiões são uma no v.6 (**אֹהֲבָיִךְ**; "os que ***te*** amam"), duas no v. 7 (**בְּחֵילֵךְ**; "dentro de ***teus*** muros"/ **בְּאַרְמְנוֹתָיִךְ**; "nos ***teus*** palácios"), uma no v. 8 (**בָּךְ**; "em ***ti***") e outra no v. 9 (**טוֹב לָךְ**; "o ***teu*** bem"). Ou seja, esse sufixo encerra os quatro versículos da estrofe, além de um hemistíquio (8b). Isso dá sonoridade ao grande final que essa bênção representa no salmo.

V. PALAVRAS-CHAVE

Além das rimas, Schökel e Carniti apontam que o salmo apresenta "quatro repetições ternárias: Jerusalém, Senhor, casa, paz" (1998, p. 1466). Elas estão distribuídas conforme se vê abaixo na Tabela 5 – Palavras-chave:

Tabela 5 — Palavras-chave

Palavra-chave		Ocorrência		
Hebr.	Port.	Estrofe 1	Estrofe 2	Estrofe 3
ירושלם	Jerusalém	v. 2	v. 3	v. 6
יהוה	Javé	v. 1	v. 4	v. 9
בית	Casa	v. 1	v. 5	v. 9
שלום	Paz	-	-	v. 6, 7, 8

O que realmente chama atenção é que as três primeiras palavras estão igualmente distribuídas pelo poema, havendo uma ocorrência de cada por estrofe. O equilíbrio dos termos "Jerusalém", "Javé" e "casa" está em claro contraste com a intensa ocorrência de **שלום**/*šālôm* na última estrofe. Isso faz sentido com o que nós vimos na métrica, pois, após o clímax dos tronos para a justiça, seu eco é sentido na paz, cuja reforço nessa estrofe realmente frisa essa mensagem: o Salmo 122 é um canto de paz.

É importante notar que, embora **שלום**/*šālôm* só apareça como palavra na estrofe de encerramento, ela já vinha presente sonoramente no salmo desde o início mediante o que é chamado de aliteração, um recurso fonético onde ocorre a "repetição sistemática de uma consoante ou encadeamento de unidades consonânticas muito parecidas" (AZEREDO, 2014, p. 508). Ou seja, repetições de um mesmo som, à semelhança, por exemplo, de um trocadilho. Não por acaso já foi dito que o peso deste salmo é sustentado por **שלום**/*šālôm*.

Antes de **שלום**/*šālôm* aparecer, nós já havíamos visto seus fonemas formativos em "alegrei-me" (v. 1, **שָׂמַחְתִּי**/*śāmaḥtî*), no próprio nome de Jerusalém (v. 2-3, **יְרוּשָׁלִָם**/*yᵊrûšālam*), em "ao nome" (v. 4, **לְשֵׁם**/*lᵊšēm*), em "para lá" (v. 5, **שָׁמָּה**/*šāmmāh*) e em "para a justiça" (v. 5, **לְמִשְׁפָּט**/*lᵊmišpāṭ*). Quando o termo aparece, a última estrofe não tem apenas as três ocorrências do verbete, mas também aliterações no v. 6 quase todo, exceto na última palavra (**שַׁאֲלוּ שְׁלוֹם יְרוּשָׁלִָם יִשְׁלָיוּ**/*ša'ălû šᵊlôm yᵊrûšālaim yišlāû*), e em "prosperidade" (v. 7, **שַׁלְוָה**/*šalvāh*). Ou seja, se o Salmo 122 já indica "paz" na tradução ao português, ele praticamente o grita no texto hebraico.

vi. FIGURAS DE LINGUAGEM

Já que se falou em aliteração, examinem-se agora as demais figuras de linguagens identificadas no texto. Primeiramente, uma figura é simplesmente uma "palavra ou sentença posta numa *forma*

particular, diferente de seu uso ou significado original ou mais simples" (BULLINGER, 1993, p. xiv). Ou seja, elas não têm valor em si mesmas, antes, dependem de seu uso e relacionamento com a semântica do texto. (AZEREDO, 2014, p. 483).

Bullinger usou o Salmo 122 para exemplificar três distintas figuras de linguagem em seu manual, as quais serão mostradas pela ordem em que aparecem. A primeira figura é vista nos v. 2-3, abaixo reproduzidos na tradução pessoal já aludida (CERQUEIRA, 2024, p. 74), mas com a figura de linguagem destacada:

> ² Pararam os nossos pés junto às tuas portas, ó **Jerusalém!**
> ³ **Jerusalém**, construída como cidade compacta,

A figura em questão é a *anadiplose*,[3] que é a repetição da mesma palavra no final de uma frase e no início de outra É interessante notar que ela "costuma aparecer em versos contíguos", persistindo como "a ideia fixa a englobar tudo o que se segue" (BULLINGER, 1993, p. 251)., motivo pelo qual ela é considerada uma figura de sintaxe – ou seja, de função, de construção – tanto por gramáticos de nossa língua (AZEREDO, 2014, p. 508) quanto por exegetas brasileiros (SILVA, 2022, p. 227).

Qual a relevância disso? Bem, isso importa porque já foi visto que o v. 2 encerra a primeira estrofe e o v. 3 abre a segunda (cf.

[3] Do grego, ἀνά (novamente) e διπλοῦς (dobro).

Tabela 1 – Estrutura Formal do Salmo 122). Ou seja, o tema, que é a cidade de Jerusalém, o destino do peregrino, conecta as duas estrofes. Isso fica demonstrado pela própria construção do poema, conforme evidenciado por essa anadiplose.

Convém ressaltar que a anadiplose é, ainda, uma figura de palavras, ou seja, referente à significação de palavras, onde o termo em questão se desvia da significação adotada pelo consenso (AZEREDO, 2014, p. 484). Essa é a nomenclatura tradicional não apenas em língua portuguesa, mas, segundo relata Bullinger (1993, p. v-x), remetente até mesmo aos esforços seminais dos gregos antigos. No entanto, o dito erudito não gosta dessa classificação, preferindo distinguir entre figuras cuja peculiaridade dependa da omissão, da repetição ou da alteração. Seja como for – figura de palavra ou de repetição – a realidade do uso dessa figura de linguagem é que este salmo indica haver **algo mais** nessa "Jerusalém" do Sl 122 do que apenas uma cidade historicamente situada nos montes da Palestina. Antes, como diz Futato (2011, p. 33), uma associação é criada, pois o "domínio de origem" (a Jerusalém davídica em si) é "transferido para o domínio de destino" (o destino dos peregrinos séculos depois).

A segunda figura que aparece é uma muito conhecida: a *símile* (BULLINGER, 1993, p. 726).[4] Tradicionalmente classificada

[4] Do latim, *similis* (semelhança). O nome é latino porque os gregos não a classificaram como figura, uma vez que ela é "bem literal e uma das formais mais comuns de expressão", segundo Bullinger.

como uma figura de pensamento, ela é simplesmente uma "comparação assimilativa por meio da qual uma coisa é explicitamente equiparada a outra" (AZEREDO, 2014, p. 496). Vê-se isso no v. 3:

> 3 Jerusalém, construída **como** cidade compacta.

Aqui, está sendo destacada a unidade que Jerusalém mostra ter, ou seja, não há espaços baldios e não planejados, assim como, por extensão, não há **nada despropositado** lá. É a completude a que o peregrino aspira. Isso fica mais explícito no hebraico do que no português devido à presença do advérbio יַחְדָּו (*yaḥḏāv*), ou seja, algo como "compacta em si mesma *unidamente*"" ou "construída em um só pedaço" (CERQUEIRA, 2024, p. 65-66).

Finalmente, pela classificação de Bullinger (1993, p. 247), há um caso de *epanadiplose*,[5] também conhecido pelo nome latino de *inclusio*. Trata-se de uma repetição da(s) mesma(s) palavra(s) no início e final de um excerto. Ela é vista nos v. 7-8:

> 7 **Haja paz dentro** de teus muros
> e prosperidade nos teus palácios.
> 8 Por amor de meus irmãos e amigos,
> eu direi: "**haja paz em** ti!".

O erudito explica que o uso dessa figura chama atenção à solenidade do que está sendo dito. Neste caso, a atenção é chamada ao próprio rogo da bênção, ao melhor estilo sacerdotal o que torna o v. 9 uma frase proferida em acréscimo a essa bênção.

---

[5] Do grego, ἐπί (sobre) + ἀνά (novamente) + διπλοῦς (dobro).

A última figura de linguagem a ser tratada nesta seção é uma que já foi abordada na seção anterior, a de "palavras-chave". Trata-se da *aliteração*,[6] uma figura que é explicada por Silva nos seguintes termos: "Repetição do som de uma consoante ou de uma sílaba em duas ou mais palavras sucessivas. Normalmente, a repetição de fonemas idêntico ou parecidos encontra-se no início e no meio das palavras envolvidas" (SILVA, 2022, p. 232).

Não se sabe por que motivo Bullinger não usou o Sl 122 como exemplo de ocorrência de aliteração, mas possivelmente se deva a ele considerar aliteração exclusivamente apenas a repetição fonética da letra ou sílaba *inicial* de palavras *sucessivas* (BULLINGER, 1993, p. 171), o que não é o caso aqui. De todo modo, para ver como o salmista empregou as aliterações com o termo *šālôm*/**שלום**, basta conferir a seção anterior, "palavras-chave".

CONCLUSÃO

A análise literária permite ver que, para o peregrino que canta o Salmo 122 prossegue rumo a Jerusalém porque lá é onde a paz é encontrada. Como dito análise de gênero, o Salmo 122 é um canto alegre entre dois salmos repletos de preocupação e apreensão.

A anadiplose entre os v. 2 e v. 3 indicam a alegria que é estar em *Jerusalém*, mas o que há nesta cidade para essa alegria? Há a *Casa* de *Javé*. Essas três palavras vão se repetir equilibradamente em

[6] Do latim, *ad* (para) e *littera* (letra).

todas as estrofes, mas há algo que é suscitado em consequência de ter chegado a esse destino: a paz. A aliteração presente ao longo do salmo dos fonemas que formam a palavra "paz" explode na última estrofe: há paz, **שלום**/*šālôm*.

O peregrino, contudo, não toma essa paz para si e vai embora. Ele não chegou sozinho, pois o v. 2 fala sobre "nossos pés", ou seja, os seus e os de seus companheiros. Além disso, quando a paz finalmente vira climática na última estrofe, a epanadiplose dos v. 7-8 mostra que aquilo que ele menos tinha (paz), ele agora tem não apenas para si, mas para rogar aos outros: a Jerusalém, aos amigos, aos irmãos. Agora há **שלום**/*šālôm* não apenas para si, mas também para a comunidade peregrina.

Se os dissabores da estrada foram totalmente ofuscados pela paz recebida ao chegarem a Jerusalém, essa **שלום**/*šālôm* também encoraja para o retorno a seus lares. Tanto que, como despedida, os peregrinos "pronunciam suas bênçãos sobre a cidade" (SCHÖKEL, 1982, P. 356). Eles obtiveram paz sem medida, tanto que agora a têm de sobra para dar aos outros.

A análise retórica do Salmo 122, portanto, é auxílio para enxergar que Jerusalém, cujo próprio nome tem os fonemas de "paz", é o destino do peregrino, o local da casa de Javé, o local onde a comunidade de peregrinos encontra paz. Essa Jerusalém é a cidade da paz e este salmo é seu hino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Leslie C. **World Biblical Commentary**: Psalms 101-150. v. 21. Waco, TX: Word Books, 1983. p. 155.

AZEREDO, José Carlos de. Gramática **Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2014.

BALLARINI, T. et al. **Introdução à Bíblia**. v. III/2. Trad. N. Ferreira e E. Alves. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 30.

BERLIN, Adele. **The Dynamics of Biblical Parallelism.** Revised and Expanded Edition. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2008.

CERQUEIRA, Natan. Do texto bíblico à tradução pessoal: Exercício de crítica textual e análise gramático-sintática do Salmo 122. **Revista Teológica – Seminário Presbiteriano do Sul**, Campinas, v. 76, n.2, p. 46-78, Novembro 2024.

DOBBS-ALLSOPP, F. W. **On Biblical Poetry**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

FUTATO, Mark D. **Interpretação dos Salmos**. Trad. Jonathan Hack. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p. 127.

GESENIUS, Wilhelm; KAUTZSCH, Emil. **Gesenius' Hebrew Grammar**: As Edited and Enlarged by the Late E. Kautzsch and Revised in Accordance with the Twenty-Eighth German Edition (1909) by A. E. Cowley. 2nd English Edition. Oxford: Clarendon Press, 1910.

HARMAN, Allan M. **Salmos**. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. (Comentários do Antigo Testamento).

KELLIGER, K.; RUDOLPH, W. et al. (ed.). **Biblia hebraica stuttgartensia**. 5ª ed. rev. Estugarda: Deutsche Bibelgesellschaft; Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997. p. 1209.

KERR, Guilherme. **Gramática elementar da língua hebraica**. Filadélfia: Jewish Publication Society, 1948.

KIDNER, Derek. **Introdução e comentário**: Salmos 73-150. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1992.

LAMBDIN, Thomas O. Gramática do hebraico bíblico. Trad. Walter Eduardo Lisboa. São Paulo: Paulus, 2003.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert; JONES, Henry Stuart [LSJ]**. A Greek-English Lexicon**. v. 2. Oxford: Clarendon Press, 1940. p. 1646.

MOTYER, Alec. Journey: **Psalms for Pilgrim People**. Nottingham: IVP, 2009.

SCHÖKEL, Luis A.; CARNITI, Cecilia. **Salmos II**. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1998. p. 1465.

_____. **Salmos e cânticos**: a oração do povo de Deus. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 1982.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**: versão 2.0. 4ª ed. rev. e atual. São Paulo: Paulinas, 2022.

ABSTRACT

Case study based on Psalm 122 in which is shown the necessary though non-exhaustive effort to produce a literary analysis of a Biblical text, be it for the purpose of proclamation by a preacher, be it for the purpose of producing an exegesis paper. The model followed here is the same as taught by the Seminário Presbiteriano do Sul, in Campinas, Brazil. The effort consists first in a genre analysis of the text, which provides the subsidies to identify the flow which gives form to the psalm. That is followed by a form analysis with subsequent structuring in a table. Then it moves on the the rhetorical analysis, in which the line, metric, parallelism, rhyme, key words, and figures of speech are analyzed. A conclusion ends the chapter with an example of what is possible to extract from the text after the literary analysis.

Keywords: Hebrew Bible, Exegesis of the Psalms, Hebrew Poetry, Rhetorical Analysis